

Os economistas

A crise da teoria e da prática

por Celso Pinto

Momentos de crise aguda, como a atual, devem ser, obrigatoriamente, tempos de reflexão e criatividade. Se a economia mundial chegou a uma situação de sério desarranjo, é claro que nem as práticas de política econômica nem as teorias que a sustentaram — ou supostamente a justificaram — funcionaram a contento.

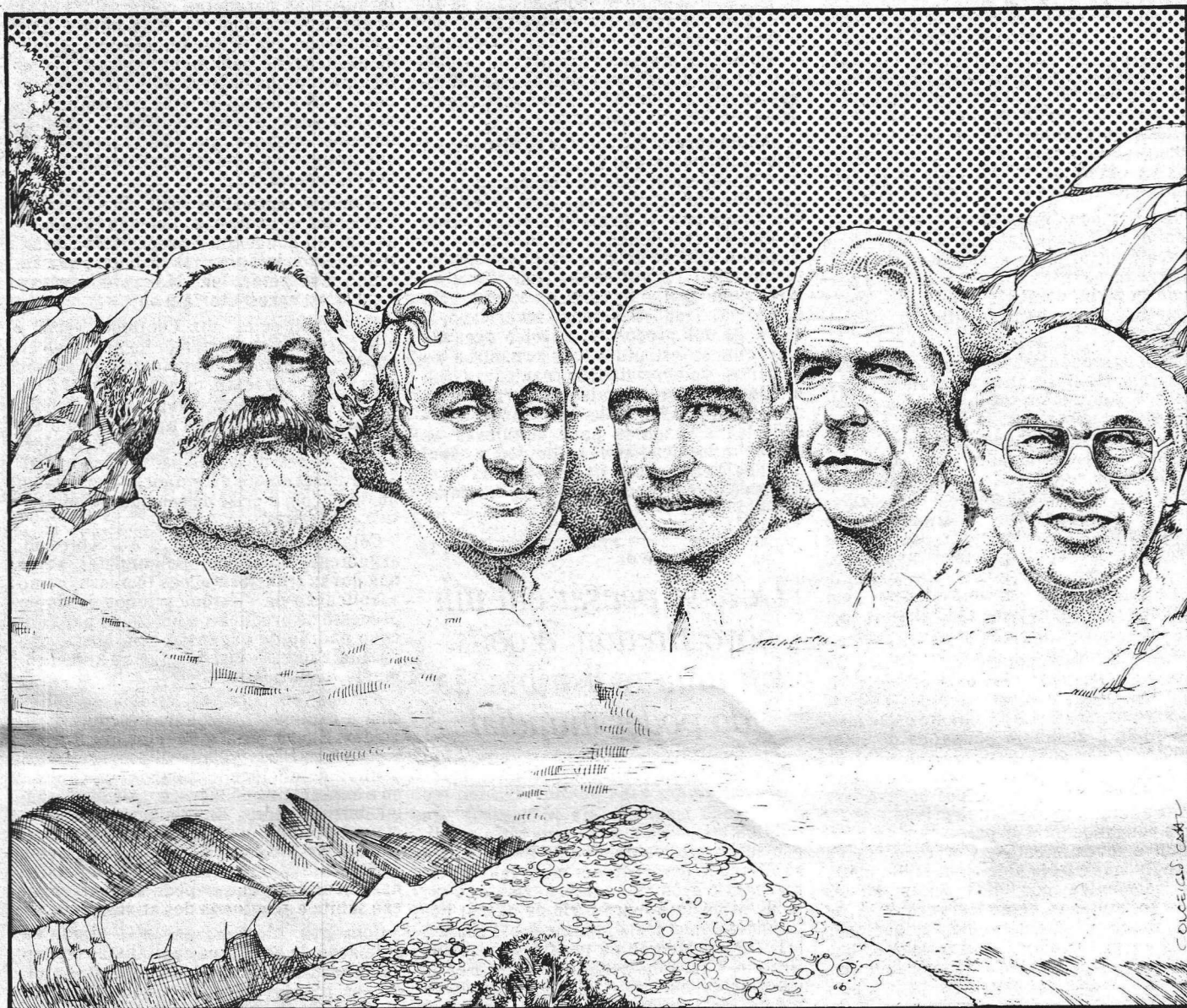
Alguns economistas dirão que a prática não foi fiel à teoria, outros que a teoria nunca chegou à prática e muitos pedirão novas teorias capazes de impulsionar novas práticas. No fundo, um pouco de cada um destes ingredientes esteve presente nas extensas discussões preparadas para o lançamento da série "Os Economistas", pela Abril Cultural, que estão expostas neste caderno.

Um debate básico, entre o ex-ministro do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, e o professor da Universidade de Campinas, Luís Gonzaga de Mello Belluzzo, procurou enfocar, de forma ampla, o tema "A Ciência Econômica Frente aos Problemas do Mundo Atual". A transmissão desta discussão, gravada em videotape, serviu como ponto de partida para vários seminários, que reuniram professores e estudantes de economia em São Paulo, Belo Horizonte, Salvador e Curitiba. Economistas de diferentes instituições e correntes de pensamento estiveram representados nestes painéis.

O debate entre Simonsen e Belluzzo ilustra algumas das perplexidades que, hoje, são comuns a economistas de formações tão distintas. Ambos fizeram, a seu modo, severas críticas ao dogmatismo, sugerindo que qualquer solução mais consistente para as questões econômicas internacionais deve passar pelo crivo tolerante de algum ecletismo.

Dogmatismo não tem a ver, necessariamente, com tradição. Simonsen escolheu como um dos alvos de suas críticas à "onda de dogmatismo" precisamente uma roupagem recente da teoria econômica conservadora, a chamada "supply-side". Seus princípios não só ajudaram a eleger o presidente da maior nação capitalista do mundo, Ronald Reagan, como também, durante certo período, alimentaram a nostalgia dos que sonhavam com mais crescimento aliado à menor presença estatal.

Nos Estados Unidos, a este novo dogmatismo se misturou a intransigência da postura monetarista do Sistema da Reserva Federal (Fed) — o equivalente a um banco



(Continua na página 2)